

## O Ferrabraz: um veículo de representações anti-Mucker (1950-1965)

Por Daniel Luciano Gevehr\*

### Resumo:

Este artigo tem por finalidade analisar as formas de representação do movimento Mucker na imprensa local. Nesse sentido, buscamos relacionar as representações criadas por Leopoldo Sefrin no jornal O Ferrabraz com o contexto sapiranguense das décadas de 1950 e 1960, período durante o qual essas idéias se faziam presentes. Da mesma forma, analisamos como essas representações influenciaram na construção do imaginário social da comunidade local, lembrando os acontecimentos do passado e remetendo o leitor do jornal a distinguir dois mundos distintos: o mundo Mucker como sinônimo de barbárie e o momento atual que se vivia, representado como exemplo de civilização. Esta comunicação tem por finalidade analisar as formas de representação do movimento Mucker<sup>1</sup> na imprensa sapiranguense, entre as décadas de 1950 e 1965, através de seu jornal local, O Ferrabraz.

### O Jornal: duas fases

Primeiramente, a análise das representações veiculadas pelo jornal O Ferrabraz deve considerar o contexto no qual o mesmo se insere, na medida em que pretendemos compreender os motivos que levaram a sociedade sapiranguense a lembrar os acontecimentos que envolveram os colonos do Ferrabraz, passados cerca de oitenta anos.

---

\* Licenciado em História e Mestrando em História Latino-Americana pela UNISINOS, São Leopoldo, RS.

<sup>1</sup> Movimento ocorrido no final do século XIX, na antiga Colônia de São Leopoldo, atual município de Sapiranga, envolvendo um grupo de colonos alemães, que supostamente estariam formando uma nova seita religiosa, de caráter messiânico, liderada por Jacobina Mentz Maurer e seu marido João Jorge Maurer. O conflito acaba com o extermínio destes colonos, pelas forças oficiais, no ano de 1874, que se afirmando em nome da ordem e do progresso, eliminaram os colonos envolvidos no conflito.

Quanto à trajetória do jornal podemos apontar duas fases distintas na trajetória percorrida pelo jornal *O Ferrabraz*. A primeira fase, e sobre a qual mais interessa-nos saber, começa com sua fundação, em 1º de dezembro de 1949, sob a direção de Guilherme José Powolny, nascido na Alemanha, no ano de 1904. Powolny veio para o Brasil com apenas quatro anos de idade, vivendo grande parte de sua juventude em Porto Alegre. Tipógrafo de profissão, Powolny foi diretor e proprietário da Gráfica Sapiranga Ltda. e também diretor do jornal *O Ferrabraz*.

Porém, o fato de ser estrangeiro, obrigou-o, por motivos legais, a colocar oficialmente outra pessoa como proprietário oficial de seu jornal. Esta pessoa foi Leopoldo Luís Sefrin (filho de Leopoldo Sefrin), que, na verdade, servia apenas como fachada para seu verdadeiro dono, Guilherme José Powolny.

Durante dez anos, Powolny, Nordhausen e Tito Lima foram os responsáveis pela edição mensal do jornal, que contava ainda com a colaboração de pessoas do local e tinha como filosofia, “*publicar as notícias de interesse coletivo da população de São Leopoldo*”.

A segunda fase do jornal corresponde ao período em que Olival Monteiro assumiu sua direção. Este recebe gratuitamente, em 1961, o jornal do filho de Guilherme Powolny, em função da morte de seu pai. A partir deste momento, o jornal passa a ser quinzenal e não mais mensal como na primeira fase, sendo editado até o ano de 1969, ano em que tem suas edições encerradas por motivo de censura, podendo ser reaberto apenas em 1975.

## Público leitor e linha editorial

Segundo Peters<sup>2</sup>, o jornal seguia uma linha editorial claramente moralista e conservadora. Podendo-se atribuir tais características também aos seus leitores, e conseqüentemente à sociedade que compunha Sapiranga neste período. Formada basicamente por descendentes de imigrantes alemães, a Sapiranga deste momento caracteriza-se por seus rígidos padrões morais que incluem a observância de boa conduta e severidade com relação a tudo aquilo que ocasionasse mudanças nestes padrões pré-estabelecidos.

Analisando o ambiente vivido pelos sapiranguenses na década de 50, verificamos que havia na mentalidade local um grande sentimento de pertencimento à cultura germânica, desprezando aquilo que é tido como cultura dos “brasileiros”, ou seja, dos não descendentes de alemães. Estas afirmações ficam mais evidentes se analisarmos o perfil da imprensa local bem como a conduta assumida por seus moradores.

Podemos acompanhar um pequeno trecho do jornal, que comprova a sua posição conservadora e moralista:

Não acreditamos que se consiga conceito e crédito junto `a opinião pública, se não noticiarmos **escrevendo, sempre a verdade**.

Agora completada com grau máximo dez, com a realização por nós da levada a efeito com a maior lisura e honestidade, à PRÉVIA ELEITORAL em nossa cidade.

Temos uma doutrina perfeitamente delineada e diretrizes de ação sempre perfeitamente definidas, **determinando com acerto, nosso ponto de vista para a implantação do império da VERDADE em nossos escritos**.

E como nos é confortador verificar **a sintonia de nossos pensamentos com o nosso povo**. (grifos nossos), (O FERRABRAZ, p. 01, n° 167, 15/10/1962)

---

<sup>2</sup> PETERS, Karin. *Ferrabraz Ontem e Hoje*. São Leopoldo, 1982. Trabalho de Conclusão, Curso de Comunicação Social: Habilitação em Jornalismo, Centro de Ciências da Comunicação, UNISINOS.

## Sefrin e o imaginário acerca dos Mucker

Valendo-se, portanto, do respaldo de seus leitores, o jornal afirma-se como o meio oficial de divulgação de notícias da cidade, representando o pensamento de seus cidadãos. É exatamente neste contexto político e ideológico que encontramos os artigos referentes ao movimento Mucker. Estes aspectos desenvolvidos até o momento poderão ser melhor compreendidos se analisarmos os artigos sobre os Muckers, de autoria de Leopoldo Sefrin. Nascido em São Leopoldo, Sefrin transferiu-se para Sapiranga em 1941, quando recebeu a concessão do cartório de Sapiranga. Era considerado um homem de conduta conservadora e moralista, bastante atuante na comunidade católica local. É principalmente a partir da concepção de Sefrin, materializada através de seus artigos, que a população construía um determinado imaginário acerca dos Muckers.

A leitura dos artigos de Sefrin aponta para sua intenção de difamar a imagem dos Muckers, oitenta anos após o desfecho do conflito, encontrando-se consonância entre o seu pensamento e as idéias publicadas pelo Padre Ambrósio Schupp em seu livro “Os Muckers”. Ao que tudo indica esta era a obra na qual Sefrin baseava-se para escrever seus artigos, além, é claro, de valer-se dos testemunhos de sobreviventes do conflito, que contavam a sua própria versão dos acontecimentos<sup>3</sup>.

## Existência de dois mundos

Desta forma, observando o caráter cívico e moralista do jornal, temos uma idéia da linha editorial seguida pelo *Ferrabraz*, no período analisado. As idéias veiculadas na imprensa revelam a intenção de apresentar para o leitor a existência de dois mundos. O primeiro é o mundo Mucker, caracterizado pelo desregramento, pela violência e pelo afastamento do convívio social. O segundo é o mundo que se vivia naquele momento, ou seja, o ambiente no qual insere-se o próprio jornal e seus

---

<sup>3</sup> Deve-se lembrar, que estes eram sobreviventes do lado oposto ao dos Muckers.

leitores, este caracterizado pelo civismo, pela cidadania, pelo respeito aos bons costumes e a preservação da cultura germânica, fortemente presente no momento em questão.

O jornal, seguindo uma ideologia que definimos como moralista e conservadora, retrata os colonos envolvidos no movimento Mucker de forma bastante categórica e definitiva, não deixando em nenhum momento, espaço para a reflexão do próprio leitor. As colocações feitas apontam para o objetivo de imprimir nestes leitores a idéia de que realmente os Muckers não passaram de fanáticos, selvagens e violentos.

## **Representação sobre os Muckers: violência e obscuridade**

A partir da criação de uma representação dos Muckers, ligada à violência e à obscuridade, torna-se inteligível o objetivo, e mais, a ideologia presente neste momento, não somente por parte de quem escreve os textos para o jornal, mas também a mentalidade e o imaginário de toda uma população, que reproduzindo as idéias do veículo oficial de informação da cidade, o jornal, acaba por assimilar e reproduzir esta mesma representação criada.

Entendendo estes artigos como textos, que têm um significado e um contexto sócio-histórico, buscamos entender no seu conjunto, elementos da linguagem, utilizados por Sefrin na construção de seu discurso. Como exemplos de suas criações citamos alguns artigos como *Um pouco de humor na tragédia*, *Novos Crimes*, *O Curandeiro e Violenta ação dos Muckers*, entre outros.

## Intenção do discurso e da narrativa dos fatos

Em função da brevidade desta comunicação selecionamos alguns artigos para exposição, que demonstram a forma como Sefrin elaborou seu discurso, veiculando representações que chamamos de anti-Muckers, que tinham a pretensão de influenciar o imaginário social sapiranguense.

*No Ferrabraz se pratica a Religião*<sup>4</sup>, artigo publicado no dia 31 de julho de 1951, traz consigo notícias referentes aos cultos ministrados por Jacobina nos altos do Ferrabraz. Neste artigo, percebemos o tom irônico das palavras, que em última análise, buscam satirizar e debochar dos cultos religiosos dos Muckers. Utiliza-se para tanto, de algumas descrições cuja veracidade é bastante suspeita, uma vez que são extraídas de fontes questionáveis, ou seja, dos depoentes contrários aos Muckers. Todavia, acompanhemos estes fatos narrados pelo autor. Certo dia, Jacobina, encontrando-se em seu quarto, viu através de uma fresta a aproximação de dois cavaleiros. Nervosa e alterada, esta saiu de seu quarto e dirigiu-se à sala, onde se encontravam seus adeptos que esperavam pelo início do culto. Jacobina teria olhado para todos e dito que logo chegariam mais dois cavaleiros amigos. Quando estes chegam, causam espanto entre os presentes, contribuindo ainda mais para a crença de seus poderes inexplicáveis. Em síntese, este artigo trata das características do culto liderado por Jacobina, que seguia, segundo o autor, falsas ideologias e visava enganar seus adeptos, retirando-os da vida em comunidade.

Os Muckers não respeitavam nem mesmo parentes e amigos. Esta é a notícia publicada no mês de maio de 1952<sup>5</sup>, trazendo na capa, o artigo *Violenta ação dos Muckers*.

Em artigos anteriores já foi mencionado que na sua sanha de destruição os Muckers, não conheciam nem respeitavam parentes ou amigos. Quem não pactuasse com eles era seu inimigo.

---

<sup>4</sup> O FERRABRAZ, nº 21, 31 de julho de 1951.

<sup>5</sup> O FERRABRAZ, nº 31, maio de 1952.

Para eles o não pertencer ao bando ou o que era pior, retirar-se dêle é um crime que só podia ser perdoado com a morte do indivíduo. E precisamente esta foi a pena que teve que sofrer uma família residente em Campo Bom. (O FERRABRAZ, n° 31, maio de 1952).

Este artigo fala de mais um dos tantos assassinatos atribuídos aos Muckers. Desta vez, refere-se ao assassinato de dois parentes de Jacobina, Jacob Maurer e Guilherme Maurer, mortos por tiros em uma emboscada sofrida numa noite fria de inverno, quando várias famílias da região estavam reunidas na casa do tio de Jacobina, João Jorge Maurer, já temendo ataques por negarem-se a entrar para a “seita” do Ferrabraz. A autoria deste ataque é mais uma vez atribuída aos Muckers. Porém não existem provas que possam comprovar tal fato, fica então nosso questionamento: Será que, realmente o grupo atacaria a casa de parentes seus, e dispararia tiros contra seus familiares, ou existiria outro motivo que fazia despertar o medo destas famílias em relação aos seus parentes Muckers. Não seriam talvez os contrários aos Muckers, espalhando o terror pela região para depois usá-los como prova contra os Muckers. Mais uma vez, ficamos com simples suposições.

## **Jacobina “A Endiabrada” torna-se alvo das críticas**

*A Filmagem do Episódio dos “Muckers”*<sup>6</sup>, nos possibilita uma análise crítica bastante interessante, tal é o seu conteúdo ideológico. O autor ocupa-se, neste artigo, em escrever sobre os preparativos que serão feitos para a filmagem do filme que irá retratar *uma das mais tristes páginas do Rio Grande do Sul*. Ao escrever a este respeito, caracteriza os colonos simplesmente como vítimas dos ataques Muckers, sendo estes considerados como pacatos colonos que viviam de forma pacífica e que repentinamente se viram atacados e hostilizados por se negarem a entrar para a “seita” de Jacobina. O autor utiliza-se das informações de uma testemunha cujo nome é preservado, levando-nos a questionar sua validade, pois devemos lembrar, que como nosso autor segue uma linha de análise bastante conservadora, baseando-

---

<sup>6</sup> O FERRABRAZ, n° 82, 18 de maio de 1956.

se comumente em Ambrósio Schupp para escrever seus textos, este deve também se utilizar de testemunhas que provavelmente devem ser oponentes dos Muckers, ou seja, que são sobreviventes ou descendentes de pessoas que eram rivais dos Muckers.

Jacobina parece ser o alvo das críticas neste artigo, que chega a afirmar que esta era “endiabrada”, referindo-se as ordens dadas por Jacobina durante a luta entre o exército e os Muckers. Neste sentido, o autor afirma:

Os mensageiros iam e vinham do campo da luta e do reduto de Jacobina com incrível rapidez e seguimento e, quando levaram à **endiabrada Jacobina** a notícia de que o tiroteio, por falta de cartuchos afrouxara, **Jacobina mais os incitou a combater, porque, dizia ela, referindo textos sagrados**, os sitiados não ganhariam a parada. (grifos nossos) (O FERRABRAZ, nº 82, 18/05/1956)

## **Imagem veiculada sobre os Muckers: obstinados e fanáticos**

Finalmente, devemos pensar no impacto que estas notícias veiculadas pelo jornal causaram na população, que revivia os “sórdidos” ataques dos Muckers, sobre as “inocentes” famílias do Ferrabraz, uma vez que o jornal veiculava as notícias sobre os Muckers, representando-os como verdadeiros obstinados e fanáticos em pregações religiosas que contrariavam o pensamento oficial, ou seja, da Igreja e dos meios oficiais de poder. Neste sentido, recria-se, através dos artigos publicados pelo jornal a imagem denegrida dos Muckers, que na verdade repete a visão que se tinha do conflito no final do século XIX, contribuindo assim para a formação de um imaginário coletivo que legitimava os Muckers como os verdadeiros e únicos culpados dos acontecimentos, o que fica evidente através das representações construídas por Sefrin na imprensa local.